

EDITORIAL 27.3

O presente número da *Trabalho & Educação* oferece aos leitores artigos e resumos de pesquisa que podem fornecer subsídios conceituais e reflexivos para pensar e enfrentar a tendência crescente de recrudescimento da precarização do trabalho e das condições de vida de suas *personæ*. Movimento tendencial imanente ao capital, fortalecido, progressivamente, pelas transformações hodiernas nas morfologias da produção, sejam em função da assimilação dos desenvolvimentos técnico-científicos mais recentes à extorsão do mais-valor, sejam devidas ao rearranjo dos circuitos de reprodução ampliada do capital. Esta linha de desenvolvimento tendencial geral se expressa em cada forma particular de *ir-sendo* capital nas diferentes realidades socioeconômicas, historicamente determinadas segundo certas peculiaridades. No caso brasileiro, caracterizado por seu evoluir consoante a uma lógica, em sua origem, colonial e historicamente se desenvolvendo de modo dependente, o capital revestiu sempre entre nós um teor de atrofia gravosa, tanto mais pungente quanto menos os arranjos produtivos, e suas expressões políticas, conseguiram minimamente articular as tentativas de se tornar “contemporâneo” às economias centrais com um mínimo de atendimento que seja ao desenvolvimento humano dos amplos contingentes populacionais compostos pelas massas de trabalhadores subempregadas ou continuamente marginalizadas.

O findar do ano de 2018, a este respeito – mas não apenas – traz uma série de indícios explícitos de agravamento da crise social dos últimos 5 anos, com o aprofundamento desmedido das propostas e planos de minimizar as consequências da crise mundial para os capitais aqui instalados. O “novo” (des)governo instalado a partir de janeiro, agora não mais graças às manobras escusas de 2016, operadas pelo consórcio industrial-midiático-jurídico, gestado desde fins de 2013, terá a seu favor, ao menos formalmente, uma aura de “legitimidade” das urnas para empreender os necessários – desde a posição do capital – “ajustes” com o fito de resguardar o nível de acumulação e lucratividade com a formação de um horizonte para uma nova rodada. Evidentemente, tais medidas têm como principal pressuposição, *comme d’habitude*, que o ônus das assimetrias inescapáveis do modo de produzir riqueza como capital caia sobre os ombros dos não-proprietários em geral, com especial ênfase para suas parcelas mais vulneráveis, desempregadas e desempregáveis. O quadro que se avizinha, do qual já é possível vislumbrar certos lineamentos genéricos, é deveras bastante sombrio e provoca desde o cansaço social o mais dolorido ao desânimo político mais depressivo. Exatamente em momentos assim nos quais somente a resistência parece surgir como alternativa é que se faz urgente – mas sem pressa – a retomada do

pensamento qualificado em termos categoriais. De um pensar que possa quando muito clarificar elementos a tornar o resistir ato proponente e não somente o opor resignada resistência. Como não se deve pensar na vacuidade do desejo, igualmente não se deve agir na ilusória potência de uma vontade impotente.

Neste sentido, o conteúdo deste número apresenta-se distribuído de modo a abranger as duas dimensões (universal e particular), e em três modulações conceituais, do problema acima aludido.

O primeiro daqueles *modi* de abordar e enfrentar as questões atinentes às alterações morfológicas do trabalho e da produção da vida são tratados por três artigos que se voltam explicitamente aos incrementos tecnossocietários do capital contemporâneo. Em *Economia de serviço e trabalho: contribuição teórica do desenvolvimento da cooperação*, Christian du Tertre (Université Paris Diderot – Paris 7) discute os aspectos que o desenvolvimento do chamado setor de serviços vem apresentando em suas conexões determinadas com a produção do capital que poderiam indicar a emergência de um novo patamar de relação produtiva baseada na cooperação e na ressignificação dos sujeitos e da sua subjetividade. Acompanhando, de certo modo, o mesmo mote, outro escrito de pesquisador estrangeiro, *Teoria e análise do trabalho digital: das cadeias globais de valor aos modos de produção*, de autoria de Christian Fuchs (University of Westminster), apresenta as tecnologias emergentes em sua relação com a produção. O sentido é retomar a categoria marxiana de modo de produção para contrapor-se à noção de cadeias globais de valor como são geralmente entendidas. O escopo é conceituar o trabalho digital. Uma espécie de trabalho transnacional e envolvendo vários modos de produção, relações de produção e formas organizacionais (no contexto das forças produtivas). Neste diapasão, haveria a vigência de uma complexa divisão do trabalho digital que conecta e articula várias formas de forças produtivas, exploração, modos de produção, e variações dentro do modo de produção capitalista dominante. Em *A escola de EPT e o lazer: o trabalhador resignado?*, artigo oriundo de pesquisa de doutoramento de fôlego, A. Vitor Guimarães (CEFET-MG) busca evidenciar as contradições e aspectos relacionados às atividades e manifestações culturais relacionadas ao lazer como parte dos processos educacionais nas escolas brasileiras de formação técnica e tecnológica. Já *Trabalho informal: o impacto das condições de trabalho sobre a saúde mental dos mototaxistas*, de autoria de Anísia Souza Pereira Neta (Universidade Federal do Piauí), aborda um caso emblemático das consequências danosas da informalidade do trabalho, com seu séquito de relações de superexploração e incremento de vulnerabilidade dos indivíduos trabalhadores, e destes como classe, uma vez tornada um “paradigma” de reorganização do controle da força de trabalho. Ambiente no qual os trabalhadores passam a conviver “com os riscos de

acidente no trânsito, estresse, insegurança, exposição ao sol e chuva, além do perigo de assalto”, como regra de ofício.

A segunda modulação categorial diz respeito às complexas inter-relações existentes entre trabalho, saberes da prática (diretamente profissional ou não) e o evoluir da sociabilidade. O conjunto destes trabalhos abarca mais dois artigos de pesquisadores estrangeiros. No de Hervé Breton (Université de Tours), *O reconhecimento e a validação de experiências adquiridas na França: o paradigma experiencial submetido à prova das certificações*, são analisados os fatores de interdependência entre os sistemas mais comuns de certificação e o desenvolvimento daquele delineado pelo VAE (*Validation des Acquis de l'Expérience*) que proporcionou o reconhecimento de competências produzidas pela experiência e representa uma variável nova no acompanhamento e aconselhamento da recolocação da força de trabalho adulta na França. Com o trabalho de Pascal Roquet, pesquisador do *Conservatoire National des Arts et Métiers* da França, temos o exame compreensivo e crítico da profissionalização das atividades formativas e das atividades profissionais por uma abordagem que articula três níveis de análise, os quais abarcam, por sua vez, três dimensões constitutivas da interatividade social produtiva: a macro, na qual se situam as determinações sociais de ordem mais geral de construção de saberes e práticas; a micro, na qual ocorre a mobilização de todo arsenal ontoprático de técnicas e operações no nível existencial dos indivíduos; ambas mediadas por aquela que é denominada de meso, composta pelos dispositivos institucionais particulares de formação do sujeito operante. Moacir Fernando Viegas (Universidade Federal de Santa Cruz do Sul), no artigo *Saberes do cuidado no trabalho de técnicas de enfermagem e enfermeiras em um hospital do Rio Grande do Sul*, tem por objeto de análise as relações existentes entre o trabalho e os saberes do trabalho implicadas na atuação no cuidado em saúde, tendo como base estudo empírico realizado numa instituição hospitalar do Rio Grande do Sul. Carmem Lucia Eiterer (UFMG), em seu escrito *Trabalho doméstico, relações de gênero e educação de adultos*, tem por alvo analítico uma das práticas profissionais das mais precarizadas e vulneráveis da realidade econômica brasileira. Arrimada numa perspectiva interpretativa interseccional, que busca articular na abordagem das práticas e ofícios, bem como seus sujeitos, os conceitos de raça, gênero e classe social, intentando compreender teoricamente como se dá a integração complexa entre o ser trabalhadora (empregada doméstica) e estudante da EJA. O artigo *Do discurso à ação: contribuições da técnica de entrevista em autoconfrontação para a psicologia do trabalho*, em coautoria de Renata Bastos Ferreira Antipoff, Rosângela Maria de Almeida Camarano Leal e Francisco de Paula Antunes Lima (UFMG), discute os aspectos da técnica mencionada como protocolo válido e produtivo para o enfrentamento de questões e demandas concernentes ao campo da psicologia que se volta aos sujeitos trabalhadores em relação a sua atividade. Tendo por

pressuposição conceitual o quadro teórico no qual a base é a discussão sobre o saber tácito da ergonomia e sua dificuldade de explicitação, uma vez que tal saber está localizado no corpo em ação, tem por escopo contextualizar esta discussão sobre a natureza da ação e como diferentes enquadramentos teóricos discorrem sobre sua possibilidade de explicitação.

No que tange ao terceiro *modus* pelo qual a questão mais abrangente é tratada, diz respeito, especificamente, ao arcabouço que pode, e deve, presidir à compreensão das aporias do trabalho, da produção e da construção contraditória da individuação moderna sob o capital: a elaboração marxiana e toda a tradição de pensamento que, de maneira legítima ou não, foi constituída em diálogo a ela. Neste campo de problemas se situam três dos artigos aqui publicados. Em *Trabalho e valor nas mídias sociais: uma análise sob as lentes do Marxismo*, o pesquisador Rodrigo Moreno Marques põe em exame, a partir dos pressupostos da teoria marxiana do valor-trabalho, as ocupações envolvidas nas cadeias de produção das tecnologias digitais. Posicionando-se criticamente frente a abordagem do trabalho digital (*digital labour*) formulada por Christian Fuchs, presente em artigo também aqui publicado. O artigo de Fuchs estrutura-se como uma acurada interpretação das dinâmicas do valor nas mídias sociais que está fundamentada nas categorias renda e renda de monopólio, bem como na distinção entre valor e preço, estabelecidas por Marx. Em *Karl Marx, trabalho, educação e luta pelo comunismo*, o professor e pesquisador Vitor Bartoletti Sartori (Docente da Faculdade de Direito e Ciências do Estado da UFMG), trata da relação entre o processo de trabalho, a educação e a transformação da natureza humana na obra de Karl Marx. Tomando para exame, em especial, *O capital*, objetiva explicitar como no pensamento marxiano a educação pode ter papel fundamental na conformação de uma classe de trabalhadores que toma a produção capitalista como suposto da sociabilidade, sem, no entanto, concebê-la como uma espécie de panaceia universal e revolucionária por si mesma. O autor finda por rastrear também quais seriam os aspectos virtualmente existentes na prática educacional que poderiam indicar sua fisionomia básica num contexto social para além da propriedade privada dos meios de produção. O terceiro artigo que se dedica ao debate da educação no interior da tradição do marxismo, tem por autores Hormindo Pereira de Souza Júnior e Wanderson Pereira Araújo. Intitulado *A política de educação profissional e tecnológica dos trabalhadores no Brasil: uma análise a partir da ontologia do ser social*, tem por referencial teórico a obra filosófica lukacsiana em sua fase mais madura consubstanciada nas duas formulações de seu projeto de construção de uma teorização de caráter ontológico – não idealista – do mundo humano. Neste escrito, procede-se uma análise a partir da ontologia do ser social, cujo pressuposto central encontra-se no processo histórico que institui a mediação do homem com a natureza, no processo de desenvolvimento do trabalho humano social. Com base nessas pressuposições categoriais tencionou-se

detectar o caráter particular, historicamente determinado, conferido à formação profissional e tecnológica do trabalhador na política educacional brasileira configurada entre os anos de 2003 a 2008.

Por fim, e de modo igualmente significativo, registre-se a tradicional publicação de resumos de dissertações e teses defendidas em programas de pós-graduação cujas relações com o campo de pesquisa trabalho e educação estabelecem-se nos objetos e problematizações de pesquisas realizadas. No caso deste número da *Trabalho & Educação*, têm as relações entre a atividade produtiva, a forma particular da sociabilidade e a educação como eixo norteador. *Reforma intelectual e moral e a construção da hegemonia: o processo de elevação cultural dos grupos sociais subalternos*, de Herbert Glauco de Souza e *Humanização do espaço carcerário: uma análise das políticas públicas para oferta de trabalho e educação no sistema prisional de Minas Gerais*, de Isabel Regina de Souza Pereira, ambos defendidos na UFMG. Outros dois são os resumos de Caio Cesar Bitencortt de Freitas, *Saber docente ambiental: análise dos saberes de professores que lecionam em um Curso Técnico de Nível Médio em Meio Ambiente da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica*, e de Sílvia Danizete Pereira Barbosa, de trabalho intitulado *A educação profissional de meninas adolescentes em medida socioeducativa de internação no Estado de Minas Gerais*.

Côncios da função social que deve ser cumprida por toda publicação científica, a qual suplanta aquela atinente a sua inserção puramente acadêmica, entregamos este número de *Trabalho & Educação* à atenção inteligente e crítica do leitor, fazendo votos que o material que o perfaz sirva para iluminar as sombrias sendas futuras a serem atravessadas a partir do início da próxima década.

Boa leitura a todas(os)!

Antônio José Lopes Alves¹

¹ Doutor e Mestre em Filosofia, respectivamente, pela UNICAMP e pela UFMG, Membro do Grupo de Pesquisa Marxoogia: Filosofia e Estudos Confluentes, Membro titular do Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG e da Comissão de Ética Pública da UFMG. Integra o Comitê Editorial da Revista *Trabalho & Educação* e é Professor do Colégio Técnico e do Mestrado Profissional em Educação e Docência (PROMESTRE), ambos da UFMG. E-mail: <ajlopesalves@gmail.com>.